



VOZES FEMININAS NAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR: DIÁLOGO COM AS DIFERENÇAS

PAJOLLA, Alessandra Dalva de Souza (UEM)

RESUMO: A voz contundente de Simone de Beauvoir a nos dizer que as mulheres burguesas só são solidárias entre si, ainda hoje pode soar como um alerta à crítica feminista sobre o risco de problematizar as questões referentes ao gênero, a partir de uma visão essencialista da mulher. A chamada Terceira Onda Feminista não quer por em relevo apenas a opressão às quais as mulheres brancas e de classe média são submetidas; as negras, as migrantes, as pobres entram na agenda do feminismo contemporâneo. Busca-se ouvir outras vozes, aceitando as diferenças e as contradições como fundamentais no processo de desconstrução do discurso patriarcal. Em se tratando de autoria feminina no Brasil, esta concepção já aparecia na obra de Clarice Lispector, o que é incontestável em *A hora da estrela*. Mas, o presente trabalho tem como objetivo analisar outro legado deixado pela autora: as crônicas escritas para o Jornal do Brasil entre 1967 e 1973. Nota-se uma ponte erguida entre a escritora e suas leitoras, cujas vozes aparecem em muitos textos. A intenção é destacar o olhar de Clarice Lispector sobre as mulheres a sua volta, fazendo um recorte nas crônicas em que as personagens são empregadas domésticas, representando as mulheres duplamente oprimidas.

PALAVRAS CHAVE: Clarice Lispector; crônicas; autoria feminina; diferenças; crítica feminista.

ABSTRACT: The emphatic voice of Simone de Beauvoir to tell us that women are only bourgeois solidarity among themselves, still may sound like a feminist criticism on alert to the risk of problematize the issues relating to gender, from an essentialist view of women. The Third Wave Feminist does not want to focus only on the oppression to which women and white middle-class are subjected, the black, the migrants, the poor come on the agenda of contemporary feminism. It tries to listen to other voices, accepting the differences and contradictions as fundamental in the process of deconstruction of patriarchal discourse. In the case of female authorship in Brazil, this concept has already appeared in the work of Clarice Lispector, which is clear in *The time of the star*. However, this study aims to examine another legacy left by the author: the chronic written to the Jornal do Brazil between 1967 and 1973. There is a bridge built between the writer and his readers, whose voices appear in many texts. The intention is to highlight the notice of Clarice Lispector about different kind of women, seleting chronic where the characters are maids, representing women doubly oppressed.

KEY WORDS: Clarice Lispector, chronic; female authorship; differences; feminist criticism.

INTRODUÇÃO

A angústia, tema recorrente na obra de Clarice Lispector, é existencial. Mas, quando se aplica às mulheres passa pela tarefa árdua de libertação dos construtos sociais, dos *habitus* fundados no patriarcalismo descritos por Bourdieu (1998), para só então desvendar-se a possibilidade de um ser, pleno. Essa busca, que move as personagens de contos e romances, ressurgue nas crônicas em tom mais reflexivo, por vezes confessional, inscrevendo uma nova página da autoria feminina na imprensa.

As crônicas que Clarice Lispector escreveu para o Jornal do Brasil, entre 1967 e 1973, posteriormente reunidas no livro *A Descoberta do Mundo (1999)*, espelham os conflitos vividos pelas mulheres naqueles conturbados anos. Silenciadas duplamente – por serem brasileiras em um regime político ditatorial e por serem mulheres no seio de uma sociedade patriarcal – elas começavam a ter consciência dessa opressão. Algumas esboçavam resistência, muitas cediam à dominação, numa submissão aparentemente voluntária. Em comum, essas mulheres sofriam com os dilemas decorrentes de suas escolhas, muitas vezes obscuras para elas próprias.

Ao fundir literatura e realidade, a escritora nos revela o seu estranhamento, um olhar crítico para o jogo simbólico de dominação, que impõe às mulheres limites socialmente construídos, distanciando-as da busca por uma identidade própria, que as permitiria transpor a margem.

É possível perceber nessas crônicas o impacto da divisão hierarquizada entre gêneros por meio das personagens – mulheres reais, ficcionalizadas pelo olhar aguçado e crítico de Clarice Lispector. Extraídas do cotidiano da própria escritora – amigas, leitoras e empregadas domésticas – elas serviram de inspiração para o farto material publicado no Jornal do Brasil. Não eram páginas femininas, segundo o ideal masculino de feminilidade. Tampouco reproduziam um discurso feminista, no seu aspecto panfletário.

Como em um jogo de espelhos, vendo-se umas nas outras, as personagens não estavam em busca de uma essência feminina em oposição à masculina. Ansiavam por romper os próprios preconceitos, as próprias amarras, a própria passividade. Estavam divididas entre a tendência de permanecer na zona de conforto e o desejo de arriscar uma nova vida, escrita com as tintas de uma subjetividade latente.

Em que medida essa relação de dominação ocorre com o consentimento das próprias mulheres? Por qual motivo o estágio de consciência sobre o jogo

simbólico em torno do poder masculino não leva as personagens a uma reação? Como os binarismos decorrentes da divisão masculino/feminino perpetuam-se no imaginário feminino, norteando o comportamento e a escolhas dessas mulheres? Em suas crônicas, em tom reflexivo, Clarice Lispector lançou luz sobre essas inquietações por meio de fragmentos do cotidiano. Uma voz dissonante no reduto masculino de cronistas, ecoando fortemente em suas leitoras.

MULTIPLICIDADE FEMININA

Precisa nas palavras, com um domínio único da arte de escrever, Clarice Lispector tinha o poder de resumir o sentimento das mulheres que tentavam ser livres para viver suas próprias escolhas: elas tinham de lutar contra um ordem internalizada para “dobrar-se”. É a imagem da postura ancestralmente inferiorizada, tão bem construída nas inúmeras metáforas presentes em toda sua obra: o pisar manso em contraste com determinação, a cegueira em oposição a lucidez, as rosas silvestres e com luz própria em contraste à perfeição apagada – são mulheres lutando para não dobrar-se à tendência descrita por Bourdieu (1998) de fazer-se pequenas.

Quando aceitou escrever as crônicas para o Jornal do Brasil, a escritora não estava disposta a seguir o padrão relegado às páginas femininas, com foco em leitoras interessadas unicamente no universo doméstico. Ela transformou a crônica em um instrumento de reflexão sobre os desdobramentos do binarismo masculino/feminino em sujeito/objeto, forte/fraco e em tantos outros que perpetuam a dominação masculina. Sobre essa atividade, Clarice esboçou o seguinte comentário:

Uma vez me ofereceram fazer uma crônica de comentários sobre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a estas dirigida. Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia descambar para assuntos estritamente femininos, na extensão em que *feminino* é geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias humildes mulheres: como se a mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada. (LISPECTOR, 1999, p. 108)

As personagens retratadas nas crônicas reproduzem os conflitos decorrentes da aprendizagem de um padrão feminino, que começa a se tornar incômodo a partir da consciência desse cerceamento naturalizado através dos tempos. Essa aprendizagem é ainda mais eficaz por se manter, no essencial, tácita: a moral femi-

nina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo e, que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajés ou aos penteados. (BOURDIEU, 1998. p. 38)

As crônicas de Clarice Lispector constituem-se um campo fértil para a compreensão da dominação masculina estudada por Bourdieu. Elas retratam a visão de uma escritora que representa um marco na literatura de autoria feminina no Brasil. É o olhar de Clarice sobre o cotidiano opressor, por meio de uma tessitura que recusa o caminho fácil de um receituário ou de uma cartilha dirigida às mulheres. Ler as suas crônicas é mergulhar nas contradições humanas, em uma busca existencial que jamais chega ao fim. Para as mulheres é como entrar em uma sala de espelhos, desnudando a subjetividade feminina por meio de ângulos até então desconhecidos .

Pierre Bourdieu analisa a diferenciação hierarquizada entre os gêneros, ressaltada em *A dominação Masculina* (1998), em que o princípio de inferioridade e exclusão da mulher é ratificado por um sistema mítico-ritual que rege a divisão do mundo. Trata-se de uma disimetria fundamental, a do sujeito/objeto, agente/instrumento, que está presente em todas as relações de produção e de reprodução do capital simbólico, com a função de perpetuar o poder dos homens.

O conceito de *habitus*, descrito pelo autor, esclarece como disposições permanentes se inscrevem nos corpos como se fossem naturais e não construtos sociais. No caso das mulheres, impõe-se uma disciplina relativa a todas as partes do corpo, resultando em uma submissão que nada tem de voluntária.

O efeito de dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* que fundamentam, aquém das decisões de consciência e dos controles de vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (1998, p. 50).

Estes *habitus* estão tão fortemente enraizados na sociedade que, mesmo para as mulheres conscientes da relação hierarquizada entre os gêneros, é difícil não olhar o mundo segundo os binarismos criados a partir do masculino/feminino e suas características correspondentes. Simone de Beauvoir vai ainda mais longe: "Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes" (1980, p.18). A escritora se refere à proteção material e à justificativa de sua existência por meio dessa relação de dependência.

A crítica feminista a partir dos anos 1980, aponta Teresa de Lauretis, compreende um sujeito constituído no gênero, mas não apenas pela diferença sexual, mas por códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito engendrado não só nas experiências de relações de sexo, mas também nas de classe e raça: “um sujeito, portanto, múltiplo, em vez de único, e contraditório, em vez de simplesmente dividido. (1994, p. 208).

A voz contundente de Simone de Beauvoir (1970) a nos dizer que as mulheres burguesas só são solidárias entre si, ainda hoje pode soar como um alerta à crítica feminista sobre o risco de problematizar as questões referentes ao gênero, a partir de uma visão essencialista da mulher. A chamada Terceira Onda Feminista não quer por em relevo apenas a opressão às quais as mulheres brancas e de classe média são submetidas; as negras, as migrantes, as pobres entram na agenda do feminismo contemporâneo. Busca-se ouvir outras vozes, aceitando as diferenças e as contradições como fundamentais no processo de desconstrução do discurso patriarcal.

Em se tratando de autoria feminina no Brasil, esta concepção já aparecia na obra de Clarice Lispector, o que é incontestável em *A hora da estrela*. Mas, nesta comunicação, tenho como objetivo analisar outro legado deixado pela autora: as crônicas escritas para o *Jornal do Brasil*. Nota-se que elas foram uma ponte erguida entre a escritora e suas leitoras, cujas vozes aparecem em muitos textos. A intenção é destacar o olhar de Clarice Lispector sobre as mulheres a sua volta, fazendo um recorte nas crônicas em que as personagens são empregadas domésticas, representando as mulheres duplamente oprimidas.

Para Ria Lemaire, a autoria feminina pode ser analisada por meio de um paralelo entre a psicanálise e a crítica feminista: a primeira ajuda a descobrir que obras de um autor expressam conflitos inconscientes, temores e desejos não admitidos abertamente e a segunda procura demonstrar que o que encontramos nas obras desses autores não são, necessariamente, verdades essenciais e universais, mas “conflitos pessoais, sexuais, emocionais e de poder”(1994, p. 65). Tais conflitos são evidentes no conjunto de textos escritos por Clarice Lispector para a imprensa.

VOZ ABAFADA

A personagem Aninha exemplifica essa dupla opressão. Ela surge inicialmente na crônica *A mineira calada*, publicada em 25 de novembro de 1967, e reapa-

rece em outros textos. A narradora, mulher de classe média, compartilha com os leitores sua percepção acerca dessa personagem emudecida, sua empregada doméstica.

Aninha é uma mulher calada que trabalha aqui em casa. E, quando fala, vem aquela voz abafada. Raramente fala. Eu, que nunca tive empregada chamada Aparecida, cada vez que vou chamar Aninha, só me ocorre chamar Aparecida. É que ela é uma aparição muda. Um dia de manhã estava arrumando um canto da sala, e eu bordando no outro canto. De repente – não, não de repente, nada é de repente nela, tudo parece uma continuação do silêncio. Continuando pois o silêncio, veio até mim a sua voz: a senhora escreve livros? Respondi um pouco surpreendida que sim. Ela me perguntou, sem parar de arrumar a sem alterar a voz, se eu podia lhe emprestar um. Fiquei atrapalhada. Fui franca: disse-lhe que ela não ia gostar de meus livros porque eram um pouco complicados. Foi então que, continuando a arrumar, e com voz ainda mais abafada, respondeu: gosto de coisas complicadas. Não gosto de água com açúcar (LISPECTOR, 1999, p.47)

Nota-se na personagem o silenciamento. Ela é uma voz abafada, razão pela qual a patroa a chama de Aparecida, na verdade uma aparição muda. No livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, Elódia Xavier (2007) estuda a representação do corpo feminino nas narrativas de autoria feminina. Ao analisar as personagens de 23 obras, a autora chegou a dez tipologias: o corpo invisível, subalterno, disciplinado, imobilizado, envelhecido, refletido, violento, degradado, erotizado e liberado.

O ponto de partida da pesquisadora é o questionamento da dualidade mente/corpo - o primeiro pólo comumente associado aos homens e, o segundo, às mulheres. Segundo sua visão, esta dicotomia não passaria de mais uma concepção hierarquizada, decorrente do binarismo macho/fêmea e diretamente responsável pela desvalorização social dos corpos femininos.

Embora não seja uma classificação estanque, tendo em vista que a opressão feminina pode inscrever nos corpos, ao mesmo tempo, marcas de degradação, violência, erotização entre outras descritas por Xavier, nota-se em Aninha a marca de um corpo disciplinado. É a mesma tipologia empregada por Elódia Xavier para analisar outra personagem clariceana: Macabéa, de *A hora da estrela*.

As indagações dos textos clariceanos, diz a pesquisadora, frequentemente sem respostas, em *A hora da estrela* levam o leitor a situações pouco confortáveis. A existência de Macabéas tem a ver com o sistema social do qual fazemos parte. A personagem Macabéa traz, inscritas no seu corpo, as marcas de um siste-

ma injusto e repressor: ela é descrita como “raqúitica”, “aparência assexuada”, “vazia”.

São muitas as evidências corporais de um corpo disciplinado, tanto em Macabéa quanto em Aninha. O principal traço que ambas têm em comum é a mudez. Macabéa era “extremamente muda” e Aninha uma “aparição muda”. A empregada doméstica tem a voz abafada, o que alude à opressão da qual é vítima, ao apagamento de que nos fala Bourdieu, em relação à divisão hierarquizada entre os gêneros. Tanto Aninha quanto Macabéa são personagens que retratam um universo por muito tempo ignorados pela crítica feminista, o das mulheres duplamente oprimidas. Pobres. Nordestinas, negras, índias. Mulheres que trazem ainda mais fortes nos corpos as marcas da dura disciplina em relação ao feminino, um apagamento, uma mudez.

Em 2 de dezembro, Clarice retoma a personagem em outra crônica:

Aliás naquela mesma coluna mencionei minha estranha tendência de chamá-la de Aparecida. Acontece que nunca tive empregada chamada Aparecida, nenhuma amiga ou conhecida com esse nome. Um dia, distraí-me e sem querer senti chamei: Aparecida! Ela me perguntou sem o menor espanto: quem é Aparecida? Bom, havia chegado a hora da explicação que não era possível. Terminei dizendo: e não sei porque chamo você de Aparecida. Ela disse com sua nova voz, ainda um pouco abafada: É porque apareci. (1999, p. 49)

Ela simplesmente aparece. Não tem casa, família, nem namorado. Quase um fantasma, uma aparição. Mas não assombra ninguém. É muda, quase invisível. Ela tenta romper esse muro de isolamento. Quer ler os livros que a patroa escreve. Demonstra certa agência, argumenta que não gosta de coisa água com açúcar, ela quer romper o silêncio. Mas não não resiste. Aninha sucumbe.

Em 16 de dezembro, Aninha ressurgue em outra crônica:

Vocês a esqueceram. Eu nunca a esquecerei. Nem sua voz abafada, nem os dentes que lhe faltavam na frente e que por instância nossa botou, à toa: não se viam porque ela falava para dentro e seu sorriso também era mais pra dentro. (1999, p. 53)

A narradora revela então que um dia Aninha voltou da rua com um sorriso brando, os dinheiro das compras amassado na mão, e em vez de compras, trouxe a sacola cheia de tampinhas de garrafas e pedaços sujos de papel. Disse à patroa que ía se deitar, porque estava com dor de cabeça. Ficou horas na cama, até que chamaram a ambulância. Aninha foi internada. “ E lá se foi Aninha, suave, mansa, mineira, com seus novos dentes branquíssimos, brandosamente desperta. Só um ponto nela dormia: aquele que, acordado, dá dor” (1999, p. 54)

CONCLUSÃO

É curioso observar que em suas primeiras incursões pela imprensa como redatora de páginas femininas, Clarice Lispector seguiu o *script* vigente, escrevendo para o tipo de mulher preconizado pelo discurso patriarcal. Foram três colunas, publicadas nos anos 1950: *Entre mulheres*, *Correio feminino* e *Só para mulheres*. Os assuntos giravam em torno das possíveis expectativas das leitoras, de acordo com a visão essencialista, que padroniza o comportamento e anseios femininos: educação de filhos, tratamentos de beleza, moda, e até mesmo conselhos de sedução. De um lado, o universo periférico do lar e, de outro, a relação com o homem, o centro. Seriam essas colunas paradoxos na escritura de Clarice Lispector? Resquícios da internalização do discurso patriarcal? A resposta parece afirmativa, mas não é tão simples, tendo em vista que a escritora optou por pseudônimos em vez de identificar a autoria dos textos, sugerindo um certo desconforto com este trabalho.

Anos mais tarde, já uma escritora consagrada e madura, Clarice Lispector revela ter recusado o convite para escrever crônicas destinadas às mulheres, por não querer tratar de assuntos femininos, conforme a visão masculina. Nota-se aí uma abertura para as premissas apontadas pelo feminismo, a recusa em reproduzir a visão patriarcal sobre a mulher. Esta postura fica evidente no período em que escreveu para o *Jornal do Brasil*, entre 1967 e 1973, cujos textos foram reunidos posteriormente no livro *A descoberta do Mundo* (1999).

Com uma tessitura híbrida, muitas vezes com jeito de conto, essas crônicas diferenciaram-se completamente das tais páginas femininas. A começar pela pluralidade de vozes. Clarice não dialoga mais apenas com o as mulheres de classe média. Ela transforma em personagens as diferentes mulheres com as quais convive ou se interessa, desde empregadas domésticas a prostitutas, valorizando as diferenças.

Em uma crônica, por exemplo, duas antigas colegas se reencontram e confrontam suas escolhas, como em um espelho capaz de mostrar a dicotomia entre a realidade e uma vida imaginária. A dona de casa esforça-se para receber com perfeição a visitante, convencendo-a (e a si própria) de que é feliz. A amiga, por outro lado, tenta incorporar a idéia corrente de beleza e felicidade femininas, mas acaba deixando transparecer todo o processo conflituoso em que está mergulhada. Em comum, ambas estavam divididas entre a ânsia de romper os próprios preconceitos e a passividade ou permanecer na zona de conforto.

Já na crônica com o sugestivo nome *Encarnação Involuntária*, a narradora compara duas personagens que encontrara em viagens de avião: uma missionária e

uma prostituta. Ela se debate entre a tendência de incorporar a postura apagada da missionária, um ar de “santa leiga” que pisa mansamente para não incomodar ninguém e a mulher sedutora, que domina os homens com o olhar e faz o possível para chamar atenção sobre si, com roupas e maquiagem extravagantes.

É interessante observar a consciência da personagem sobre estes papéis femininos, representada por meio da luta que ela trava para deixar de encarná-los involuntariamente, como evidencia o título da crônica. O interesse de Clarice Lispector é pelo ser, liberto da divisão arbitrária entre os gêneros:

Já sei que só daí a dias conseguirei recomeçar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe talvez, nunca tenha sido própria, senão no momento de nascer, o resto tenha sido encarnações. Mas não: eu sou **uma pessoa**.” (LISPECTOR, 1999, p. 297, grifo meu).

Tanto a mulher representada pela missionária quanto a caracterizada como prostituta mantêm nos corpos os sinais de subordinação ao ponto de vista masculino. Uma pisa devagar, tentando manter-se invisível. A outra manifesta uma disponibilidade simbólica por meio de seu poder de atração e sedução (BOURDIEU, 1998, p. 40). O desfecho escolhido por Clarice para esta crônica aponta para uma atitude de libertação. A narradora termina por recusar os dois estereótipos – o da santa e o da pecadora. A luta que ela empreende é para tornar-se simplesmente uma pessoa, livre dos padrões de comportamento patriarcais.

No caso específico deste artigo, a personagem Aninha representa as mulheres duplamente oprimidas, pela violência decorrente da combinação entre patriarcalismo e baixa posição social. Pela ótica da narradora desta série de crônicas, a patroa, a empregada refugia-se na loucura para deixar adormecida a consciência doída de suas limitações. Eis o elo com outras tantas mulheres retratadas em sua obra, cujo desejo de liberdade é associado à insanidade.

A patroa percebe o beco sem saída em que a empregada se encontra, a tentativa desesperada de enfeitar o mundo que vive, metafóricamente representado por seu quarto, um quarto de empregada, possivelmente um cômodo minúsculo, nos fundos da casa. Ela quer enfeitá-lo com tampinhas de garrafa, quer imprimir nas paredes a marca de sua existência.

O que lhe acontecerá, não sei. Sei que você continuará doce e doída para o resto da vida, com intervalos de lucidez. Tampinhas de garrafa de leite é capaz mesmo de enfeitar um quarto. E papéis amarrotados, dá-se um jeito, porque não? Ela não gostava de água com açúcar, e nem o era. O mundo não é. (1999, p.55)

A ausência de vozes femininas duplamente oprimidas, como a Anina representada por Clarice Lispector, ainda é grande na literatura brasileira. O trabalho da professora doutora Regina Dalcastagne (2007) na Universidade de Brasília não deixa dúvidas. Ela coordenou uma ampla pesquisa sobre o romance brasileiro contemporâneo, de 1990 a 2004, mapeando as características dos personagens de 258 obras das principais editoras do país.

O resultado aponta para uma discriminação na literatura ainda maior do que a própria realidade. Para se ter uma idéia, em relação ao gênero, 62,1% dos personagens são homens; as mulheres raramente são protagonistas ou narradoras; 79,9% são brancos que pertencem ou a uma elite intelectual ou econômica. As poucas personagens negras, ou mesmo nordestinas como as Macabéas não tem voz, Entre suas conclusões, Regina diz que:

Séculos de literatura em que as mulheres permaneciam nas margens nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não tem gênero e por isso existem duas categorias: a literatura, sem adjetivos, e a literatura feminina, presa a guetos. Da mesma forma aliás, que às vezes parece que só os negros têm cor ou somente os gays carregam as marcas de sua orientação sexual. Romper com essa estrutura de pensamento, às vezes é muito mais difícil quando não se percebe, ou não se assume, que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política e pelas estruturas sociais. E que, portanto, toda e qualquer apreciação literária é regida por interesses, por mais difusos que eles sejam.

Clarice parecia ter despertado para essa situação. Ela, que passou a infância no Recife, certamente tinha uma farta memória emocional para dar vida a Macabéas, Aninhas, mas infelizmente, essas personagens começaram a povoar sua obra já no final da vida da escritora.

As crônicas reunidas no livro *A Descoberta do Mundo* revelam o quanto a escritora estava atenta à multiplicidade de vozes femininas ao seu redor, negando a visão essencialista de mulher.

Para finalizar, voltando a Aninha, quando a narradora a vê, retornando das compras já mergulhada em um mundo próprio, percebe imediatamente uma mudança importante: "Havia uma coisa nova nela. O quê, não se adivinhava. Talvez uma doçura maior. Estava um pouco mais aparecida, como se tivesse dado um passo pra frente." (1999, p.53)

Para a narradora, ela havia dado um passo a frente, havia finalmente, aparecido. Aninha, assim como Macabéa, que só é estrela na hora da morte, a empregada só ganha visibilidade quando sucumbe à loucura.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.
- BONICCI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- DALCASTAGNE, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo. Disponível em http://www.cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf. Acesso em 25 ago 2008.
- ECO, Umberto. *Os seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Org. Maria Aparecida Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, H.B (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994 (p. 58 – 71)
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H.B (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 207-241.
- XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Editora Mulheres, 2007.